

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (30 n.º) 15000 rs.; semestre (25 n.º) 500 rs.
 FORA D' AVEIRO: anno (30 n.º) 13125 rs.; semestre (25 n.º) 370 rs.
 BRAZIL, (moedi: forte) e Africa oriental anno... 15500

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 15 rs.
 No corpo do jornal: cada linha 20 rs.
 Numero avulso 30 rs.
 Redacção e administração — rua Direita.

AOS LEITORES

O Povo de Aveiro entra hoje no terceiro anno da sua existencia. Cumpre-lhe, pois, ao despedir-se do anno de 1883, fertil em tantos acontecimentos pelo mundo inteiro, um dos mais cortados de peripecias e dos mais ameaçados para a liberdade pelas tramoiás secretas e publicas dos reis, saudar os seus leitores, os seus assignantes, os seus colaboradores, os seus amigos cheio de convicções e fé democraticas, voltado para o anno de 1884 que surge, alegre porque tem esperança no porvir, satisfeito com os progressos enormes da democracia até hoje, confiando na propria força e coragem.

O Povo de Aveiro, no meio da lucta incessante e por vezes violenta, como a requer de quando em quando o cynismo dos nossos adversarios, em prol da causa republicana, conserva ainda hoje, felizmente, as mesmas sympathias que o protegeram ao principio.

E' o unico jornal republicano das provincias, e mesmo de todo o paiz se exceptuarmos o *Seculo*, que se pode orgulhar em ter a colaboração directa de todas as notabilidades democraticas. De todas as localidades nos são enviados regularmente, e com uma deferencia e delicadeza que nos penhoram deveras, artigos brilhantes dos primeiros homens do partido republicano, aos quaes devemos a distincção com que o jornalismo portuguez nos tem tratado, transcrevendo-nos alguns d'esses artigos e referindo-se sempre a nós em termos, que seriamos immodestos não considerando benevolos. E assim temos conseguido offerecer aos leitores produções

primorosas de Alves da Veiga, Alexandre da Conceição, Albano Coutinho, Alberto Bessa, Carlos Faria, Ernesto Loureiro, Magalhães Lima, Mello Freitas, Silva Graça, Trigueiros do Martel, Theophilo Braga, Clarim, Eduardo Arvins, Anselmo Xavier, e A. Salgado e de muitos outros queridos amigos que se occultam sob varios pseudonymos, a todos os quaes agradecemos deveras a sua distincta collaboração.

Quanto ao mais, hoje, como ha dois annos, está o Povo de Aveiro exactamente no mesmo terreno, sem variar em cousa alguma a sua linha de conducta. Na localidade não deixaremos de continuar a pugnar com energia pelo engrandecimento material e moralidade de Aveiro, louvando quem devemos louvar, por que algumas vezes temos louvado os nossos maiores inimigos, e censurando quem devemos censurar. Só condemnamos o procedimento irregular dos homens publicos, porque nada temos com os particulares, sem descermos a intrigas de soalheiros e pequeninas miserias. Se algumas vezes somos violentos, é a indifferença ironica, ou antes o cynismo das autoridades que nos obrigam a tanto. Não nos arrependemos e lamentaremos deveras ter de voltar a usar da mesma violencia. Mas, se fôr preciso, ou quando fôr preciso, empregaremos o nosso conhecido rigor.

Em politica geral somos cada vez mais intransigentes e mais radicais. Queremos em administração e politica as reformas mais avançadas; somos livres pensadores em religião.

E' bom repetirmos o que dissemos ha um anno:

«Estar na brecha, com o peito exposto ás balas, aluindo o

throno para que mais tarde sobre os destroços d'esse throno se erga um outro, onde se sente em lugar do sr. D. Luiz ou do sr. D. Carlos um individuo chamado presidente da Republica, de vez em quando revezado por outro, affigura-se-nos mais do que um contrasenso, affigura-se-nos um crime. Uma republica conservadora e centralisadora é a negação perfeita de todas as leis sociologicas e de todos os principios democraticos».

Eis tudo. O Povo de Aveiro, enaugurou um systema novo. E' franco. Toda a gente sabe o que elle quer, para onde vae e por onde vae.

Quem quizer que o siga. E agradecendo de novo os favores que nos vêm dispensando assignantes e colaboradores, desejamos a todos mil venturas e

BOAS FESTAS

A Direcção.

A mixordia

Ha um certo jornalismo que falla de papo sobre os mais intrincados problemas sociaes, como se estas questões não fossem de uma complexidade que assombra, e muito mais contingentes e relativas que os phenomenos do organismo animal.

Foi assim que vimos, ha pouco um sesqui-pedante escriba, prototypo de quem aluga a intelligencia e a consciencia em beneficio da barriga, declarar com o entono da convicção mais intima, que elle era absolutamente adverso ao «escrutinio de lista», porque *entendia* que era este o systema mais reaccionario (!) de quantos conhecia em materia

eleitoral. Esta *bisca*, permitam-se-nos a phrase, era mais um repugnante insulto lançado á memoria de Gambetta, um d'aquelles insultos que os proprietarios dos «Armarios Secretos» costumam pagar a pezo d'ouro, a quem os serve.

Ainda que seja inutil e impolitico dar trela a escribas taes; por outro lado, lembrámo-nos que, da calunnia mais inverosimil e estulta sempre fica um fumosinho a empanar a reputação mais pura: resolvemos desmaccar o inepto vendido.

Em primeiro logar, saiba que, no estado actual das sciencias sociologicas, as palavras—escrutinio de listas— empregadas com a intenção de designar a organização eleitoral por meio de listas plurinominaes, podem referir-se aos mais variados systemas; bastando, para esclarecer as nossas palavras, citar o de *lista incompleta*, em que o eleitor não póde escrever mais do que um limitadissimo numero de nomes, e aquelle em que o mesmo eleitor tem o direito de escrever quantos nomes quizer, sendo este systema o mais liberal de todos, e applicavel ao grande plano da accumulção geral de votos, descoberto pelo insigne Thomaz Hare.

No entretanto, e pondo n'este momento de parte a monstruosa burla de «reforma eleitoral» apresentada á camara pelo actual ministerio, antes dos ultimos fundilhos, devemos affirmar muito positivamente que, em geral, todos os systemas que tem por meio o alargamento das circumscripções electoraes, e n'esto caso estão todos que estabelecem listas plurinominaes, visam a um fim altamente patriotico e civilizador, como é elevar o povo á comprehensão e ao sentimento da moral

da patria, que é muito mais sublime do que a moral do municipio ou do concelho.

Acresce ao que fica dito, que poucos paizes estarão mais necessitados do que o nosso da therapeutica social constante do alargamento das circumscripções electoraes; porque com difficuldade encontraremos onde se haja especulado mais torpemente com o egoismo do cidadão para deturpar a conquista mais grandiosa das civilizações modernas, como é o direito do suffragio popular, que, como hoje dizemos em outro artigo publicado no nosso presado *collega*, *A Verdade*, de Thomaz, insistimos em considerar—a chave de toda a organização politica do paiz, em lugar de ser o poder moderador, como pretendeu o *magnanimo* dador em 1833.

Depois de bem assente a doutrina que deixamos apontada, vejamos qual a sorte que nos espera acerca da reforma eleitoral.

Pela opinião do sr. Fontes, affirmada e confirmada varias vezes no parlamento, irá por diante a proposta apresentada pelo Thomaz da Aparecida; e segundo o voto do *mormon* que hoje dirige o ministerio do reino, não teremos tal reforma.

D'esta contradicção dos sabios da escriptura resulta, segundo se affirma, que passará na camara dos angoches uma *reforma* preliminar que deixará tudo como dantes, inclusive todas as molas que servem para falsificar o voto, e em que continuará o conflicto baixo dos egoismos individuaes a substituir as dedicações e o interesse pelos assumptos patrioticos.

Mas, podendo alguém inferir do que deixamos dito que morreremos d'amores pela proposta do sr. Thomaz da Aparecida, é

(15) **Folhetim**
A. RANC
HISTORIA D'UMA CONSPIRAÇÃO
 X

No dia seguinte, logo de manhã cedo, o sr. Descosses, apenas terminou a sua primeira ronda, entrou no compartimento em que se achava Rochereuil para começar com os seus encargos e entabolar uma breve conversação, como lhe recomendará o sr. Draut e o sr. subperfeito Bourgnon, principal encarregado das prisões.

Todas as noites mandava ao sr. Bourgnon um relatório, o qual concluía invariavelmente que o preso Rochereuil nada dissera que merecesse ser trasladado no papel.

N'este dia Rochereuil acolheu francamente o carcereiro.

—Senhor Descosses, disse-lhe elle, che-

gais mesmo a proposito, porque desejo justamente pedir-vos um momento d'attenção.

—Estou ao vosso dispor, sr. Rochereuil.

—Pois bem, arrastai uma cadeira porque talvez isto demore um pouco.

O sr. Descosses estava visivelmente atrapalhado.

—Senhor Descosses, prestei-me pois nma séria attenção, continuou Rochereuil. Não ignoreis que a policia se occupa muito particularmente, não só de mim, mas ainda d'alguns meus amigos que gosam da liberdade, e até mesmo d'alguns membros da minha familia. Imagino pois que achareis bastante natural o nos termos da nossa parte tanto cuidado da policia assim como ella o tem de nós?

Vigiam-nos, e nós vigiamos, e para falar com a maxima franqueza, fazemos nma especie de contra-policia.

—Mas, sr. Rochereuil, dizeis-me coisas... sabeis que se não fosse um homem de bem e se não vos estimasse tanto, poderia repetir-as.

—Ora não, sr. Descosses, não, não as repetireis; eu conheço-vos e por isso vejo que sois incapaz de tal... Mas não me interrompa, porque então nunca acabaremos; idez ver como vou interessar-vos. Pois é verdade, ha cerca de dois mezes, um dos meus amigos, que mora na rua das Grandes-Ecoles, julgou ouvir, perto da meia noite, um barulho de vozes na rua: levantou-

se avisinhou-se da janella e atravez das vidraças distinguio perfeitamente, apesar da escuridão, quatro homens que passavam rente á parede. Estes homens pararam exactamente em frente do quarto do meu amigo, e diante da loja de ourivesaria dos irmãos Gorini. Ali, depois de se consultarem por momentos, recommearam o seu canino, sempre a passo de lób, do lado da praça das Armas. O nosso amigo acreditou sem duvida serem estes quatro vigias, policiaes; enfuiu uma pantallona, calçou uns chinellos d'orello, excellentes para andar sem ser ouvido, e poz-se a observal-os. Pareceu-lhe á medida que os seguia, que estes quatro homens redobravam de precauções, provavelmente para com isso surprehenderem com mais segurança os vagabundos nocturnos e outros mais gatunos, dos quaes os burguezes politevinos tanto tem de que se lamentar este anno. Elles voltavam-se a cada passo receiosos de que fossem agarrados. E' isto que se diz, não é verdade sr. Descosses? Contando o nosso amigo é subtil que nem um caçador; sabe perfeitamente como se se aproxima da caça, e a caça ainda o não viu d'esta vez. Na praça das Armas um d'elles desviou-se e dirigiu-se pelo lado do albergue da Plat-d'Étain, voltando logo em seguida. Então todos quatro tomaram pela rua da *Mairie*, rua de S. Francisco, praça de S. Didier, rua da Regrattrene, praça do Mercado, rua da Cabeça-Negra, rua das Flagoles, e até que afinal chegaram á

praça do Piloni. Abi pararam defronte da casa do recebedor do registro, e até houve um d'elles que foi observar a fechadura, para se assegurar, sem duvida, que esta estava em estado de resistencia ás alavancas e aos formões dos larapios. A fechadura era boa e elles portanto seguiram o seu caminho. Tornaram a entrar na cidade pela rua da Prévoté, praça dos Petits-Jésuites, praça de S. Didier, rua da *Mairie*, rua de S. Porebaire, mas em vez de voltarem pela praça das Armas, elles enfiaram pela rua dos Basses-Treilles e ganharam a Visitação.

O sr. Descosses suava a bom suor.

—Chegados que foram muito perto da prisão, continuou Rochereuil, elles desappareceram, e o nosso amigo não póde pois observar os mais. Confessai portanto, sr. Descosses, que, para quem não faz vida d'isto, elle andará perfeitamente bem.

O sr. Descosses nada respondeu; elle estava pallido como cera. Rochereuil proseguiu:

—Deveis pensar que quando assim se vigia tão bem, não é logo da primeira vez. O nosso amigo participou a sua descoberta a algumas pessoas seguras e discretas, as quaes para verdadeiramente o acreditarem foram por muitas vezes passear de noite pela cidade. A principio nada viram. Elles já começavam a julgar que o mancoço tinha sonhado, quando afinal por uma tempestade medonha, era, se bem me lembra, em aoute de 11 d'agosto, os quatro homens

que o meu amigo ingenuamente tomara por policiaes foram vistos na rua do Molho de Vento. Enganei-me, elles só eram trez. Saíam pela janella *au rez-de-chaussée* da casa do sr. de Rougemont, levando consigo um cesto cheio de prata, d'esta excellente e bella prata caseira que o sr. de Rougemont tanto deplorava.

D'esta vez, todas as precauções tinham sido perfeitamente combinadas antecipadamente, estava armada uma ratoeira, viram perfeitamente a prata e os homens entrar junctamente na Visitação, pela pequena porta do lado mais alcantilado, do mesmo lado em que não está nenhuma sentinella. Imaginaí agora, sr. Descosses, por quem foi aberta esta porta?

A vista d'isto o sr. Descosses não se sentia com animo de responder; fez-se pallido repentinamente e logo depois o sangue começou-lhe a subir á garganta e á carti de tal modo que elle estava quasi suffocado.

—Quereis um copo d'agua, sr. Descosses? perguntou-lhe Rochereuil.

O desgraçado carcereiro apenas balbuciou:

—Perdão! Perdão! Eu sou um chefe de familia e por isso não me denunciois. (1)

(1) Isto não é obra da imaginação. As aventuras do carcereiro Descosses são legendarias em Politeira, tanto quanto o são as do Carlonche em to'ra a França. Na mesma prisão Descosses organizara uma quadrilha de

conveniente declarar-mos que a reputamos um habil expediente para sophismar em proveito das especulações monarchicas todos os melhoramentos, todas as descobertas da democracia em assumptos eleitoraes; poupando os vicios actuaes, que ficariam mascarados com o apparatus das formulas, como amargo drastico com capa de assucar. Assim o demonstrámos já em artigos anteriores, publicados no nosso estimado collega, *O Seculo*.

Pois, muito bem, o sr. Barjona tomou uma pequenissima dose de burla do sr. Thomaz, diluiu-a no systema actual, e d'essa mixordia immunda, é que ha-de sahir a lei porque hão de ser eleitas as futuras constituintes.

Resta-nos ver uma nova pharse dos esgares da monarchia, nos seus ultimos momentos. E' observar os senhores administradores de concelho a mendigar votos para a opposição, por encomenda do ministerio do reino. E' este papel que lhes destina o grande mormon com a sua ideia da representação das minorias fabricadas officialmente.

Nós preparamo-nos para rir, se é possível o riso quando vemos afundar-se a patria.

Ernesto Loureiro.

BONITO

Os progressistas pararam nas suas investidas com o throno. Andam outra vez muito mansinhos.

Será verdade que se hajam deitado aos pés do Fontes a pedir-lhe que os congrece com o rei, como se diz? E' possível, ainda que isso seja a ultima das indignidades. Mas temos visto tanta cousa!...

Ainda ha dias a imprensa progressista disse, com razão, os ultimos improperios ao ministro da fazenda por causa do concurso na alfandega, para depois os deputados da Granja, alguns dos quaes eram os mesmos que escreveram isso, irem declarar em pleno parlamento que não duvidavam da honestidade do sr. Hintz Ribeiro. Indigno. Fallaríamos e diremos o que houver.

PELA EUROPA

Na impossibilidade que teve esta semana o nosso collaborador Ignotus d'escrever a sua chronica semanal do

—E quem falla em denunciar-vos, sr. Descosses? Eu me absterci d'isso, quanto em mim couber. Necessito de vos muito. Tornaremos á conversação logo á noite quando estiverdes mais socegado, e depois vos direi o quanto espero do vosso favor.

—E isso far-me-ha perder o meu emprego?

Rochereuil não ponde suster o riso. —Não, sr. Descosses, não, disse elle. Todavia deveries notar que não tend's senão esta escolha: obdecer-me, ou ir para as galés. Adeus sr. Descosses, até logo á noite.

O carcereiro afastou-se a cambalear; o molho das chaves que elle trazia comsigo

ladrões que, durante um anno, commetteu roubos em toda a cidade. Quando a occasião se offerecia Descosses soitava a sua gente que tornava a entrar antes que rompesse o dia.

A's vezes succedia elle acompanhá-os também, mas isto era rarissimo.

O infeliz carcereiro fora uma vez encontrado com a bacia na botija, e azendo depois completas declarações foi condemnado a vinte annos de trabalhos forçados. Correu o boato de que antes d'alle ser preso, entrara nos jardins da Visitação uma fabulosa quantia. Ha ainda hoje Póitevinos ingenuos que buscam o thesouro do Descosses.

estrangeiro, publicamos algumas noticias do que vae lá por fora.

Na visinha Hespanha os sagastinos abandonaram de todo o ministerio.

Diz-se que o governo pedirá ao rei a dissolução das côrtes, mas tambem se diz que o rei a negará e já se fallava n'um ministerio de conciliação, mas segundo corre ha grandes difficuldades para a tal conciliação.

O ministro da fazenda oppõe-se ao augmento de 3 milhões de pesetas no orçamento do ministerio da guerra.

As ultimas noticias, dizem-nos que os boatos de crise ministerial, são prematuros.

Agguarda-mos os acontecimentos, porque lá como cá, tudo muda d'um dia para o outro.

As monarchias estão-nos demonstrando quanto valem.

Em França, depois da tomada de Son-Tay pelas tropas francezas, nada mais de extraordinario nos dizem os jornaes com respeito ao conflicto franco-chinez.

Diz o Memorial Diplomatique :

«Se fôr accete a intervenção ingleza no conflicto franco-chinez, não pôde ter outra base senão a evacuação pelos chins de Son-tay e Bac-Ninh, renunciando o governo do celeste imperio á occupação d'estas duas praças. Só n'esses termos poderão recommençar as negociações.

A Inglaterra não procede sósinha n'esta conjectura. Tem o assentimento da Alemanha, da Russia e dos Estados Unidos e obrará d'accordo com essas potencias. Se intervier pacificamente, é porque tal intervenção foi approvada em Berlin, Washington e San Petersburgo.»

O sr. Naquet, amigo do governo, homem de muito valor, declara no *Voltaire* que votou os creditos destinados á expedição do Tonkin por entender que o exercito francez não tem hoje outro remedio senão andar para dearte, mas que condemna abertamente a conducta, não só d'este governo como dos que o procederam, na questão do Tonkin.

No dia do anniversario da execução do generoso estudante Oberdank, houve em Italia innumeradas manifestações anti-austriacas. Foram tão imponentes e ameaçadoras, que obrigaram o governo a tomar medidas extraordinarias de repressão.

Em Roma deram-se varios acontecimentos. Na camara um individuo chamado Oldrini Flaminio, lançou das tribunas pequenos manifestos de papel vermelho, gritando:—*Viva a Italia, viva Oberdank, viva Trieste!* Pouco depois outro individuo, de uma tribuna reservada, lançou outros manifestos gritando:—*Viva a Italia! Viva Oberdank!* Os manifestos continham o testamento de Oberdank. Alguns espectadores, que se achavam nas galerias, acompanharam os manifestantes aos gritos de:—*Viva a Italia, viva Oberdank, viva Trieste.* Estes incidentes produziram gravissima sensação na camara, á qual o presidente recommendou a maxima calma.

Na manhã de 21 appareceram as ruas cheias de pasquins, tendo escripto:—«*Viva a Italia!*», «*Gloria a Oberdank!*», «*Viva a Republica!*»

Os estudantes da Universidade deposeram no cemiterio uma corôa:—«*A*

Guilherme Oberdank»—«Os estudantes da Universidade».

A colonia triestina depoz outra corôa sobre o tumulo dos mortos em 1849: «*A Guilherme Oberdank*»—«Os triestinos».

«*Il Fascio della Democrazia*» saiu de luto, com o retrato d'Oberdank e artigos commemorativos.

Trinta e cinco mil italianos enviaram ao conde Taaffe, ministro austriaco, 1:280 libras, producto da subscrição aberta entre elles, para que se pagasse das despesas que fez com Oberdank e se embolçasse do dinheiro com que subscreveu para as victimas d'Ischia.

Na sala dos «*Diritti d'ell'Uomo*» commemorou-se a morte de Oberdank com enorme concurrencia. Fallaram alguns deputados.

Em Napoles foi sequestrado o jornal «*Italia degli italiani*», orgão dos irredentistas, por publicar artigos commemorativos da morte d'Oberdank com o retrato d'este. Foram presos alguns individuos n'essa cidade por terem dados vivas a Oberdank.

Em Novara foi pelo mesmo motivo, sequestrado o jornal *Avenir*. Em Ravenna deu-se facto igual com o *Ravennate* e bem assim em Bologna com o *Don Chisciotte* e com *Il Comune*. Foram processados outros jornaes que não conhecemos.

Em Ravenna a commemoração foi imponente e grandiosa. Fecharam quasi todos os estabelecimentos.

Em Firenze houve graves desordens nas ruas entre o povo e a tropa.

Em Torino, Catania e Bologna houve gritos sediciosos.

Em Faenza appareceram pasquins revolucionarios nas esquinas e muitas lojas fechadas com avisos nas portas, tarjados de preto, dizendo:—*Luto Nacional*.

Em Savona, Arezzo, Feligno, Messina, Volterra, Cremona, Palermo, Terni, Jesi, etc., etc. houve aclamações entusiasticas.

O governo andava inquieto e tremelicava com tantas manifestações.

A situação do Egypto agrava-se. As ultimas noticias referem que o rei da Abyssinia tenta apoderar-se de Massuah, perto porque suspira ha muitos annos, de maneira que se o Mahdi já dava que fazer ao governo egypcio, não sabemos agora como ella será com o ataque dos abyssinios por outro lado. Os inglezes fingem não se importar com as cousas do Egypto. E' de aquelles fingimentos, que precedem a posse d'uma região ha muito desejada. Por enquanto, não tem havido verdadeiro protectorado inglez sobre o Egypto, isto é, um protectorado franco. Mas vae havel-o, não tarda. As cousas embrulham-se; o kh diva diz que quer abdicar, o governo não sabe para onde se voltar. Ninguem se entende, os commerciantes europeus gritam por socorro de qualquer potencia europeia. Muito bem; mais um instante e a Inglaterra achará o momento propicio para metter tudo na ordem, lançando mão do Egypto. Os acontecimentos dirão se nos enganamos.

Em Londres a policia continua tomando as maiores precauções na residencia do primeiro ministro Gladstone, com receio que os fenians projectem

o foi na verdade o meu amigo Rochereuil. Sim, porque vosso pae foi meu amigo, senhor, e quasi todos os dias fallava com elle em Paris antes da presseguição nos ter separado. A republica, senhor, senti n'elle uma cruel perda, perda que ella sentiu tanto como vos mesmo! Ah! nunca se calculará a profundidade e extensão do mal que Bonaparte causou. Vosso pae, senhor, não pertencia aos que primeiramente foram transportados para as Sechelles!

—E verdade, meu pae embarcou na fragata *Chiffonne*.

—Ah! sim, na *Chiffonne*, capitaneada por Guye esse. Ha na *Chiffonne* um outro meu amigo bem estimado, era o general Rossignol. Elle tambem morreu na ilha d'Ajouan, no meio das mais horribes torturas, uma especie de febre com vomitos negros. Foi uma epidemia medonha que poupou apenas quatro deportados. Talvez vos allija com isto, senhor. Mas...

—Não, senhor; são na verdade agras recordações; contudo eu não recôo ouvir para que nunca tal me esqueça. Só os cobardes e os indifferentes é que esquecem. Apenas recebi de meu pae uma carta, que um official da fragata ingleza *Syphide* me fez chegar a mão. Esta carta foi escripta no proprio dia da morte de Rossignol. Já mais de metade dos deportados tinham succumbido

um attentado, pois ha motivos para dar credito á noticia de que varios membros da associação dos *Invençiveis* estão a caminho da Inglaterra, para se vingarem da execução de O'Donnell, applicando as suas machinas infernaes a diversos edificios. Dacey, um dos principaes chefes, tambem é esperado pela policia.

BAIRRADA

—§§§—

Mogofores foi theatro d'um episodio sanguinario que deveras contristou toda a povoação. Foi commettido um assassinato, com todas as circunstancias aggravantes, na madrugada de 24 do corrente, junto ao cruzeiro d'aquella alegre aldeia, onde ninguem se lembra de haver já mais sido commettido um crime tão hediondo.

Manuel Nogueira, rapaz dos seus 28 annos, um typo agradável, possante, sarreiro, agente na Bairrada da casa Luga & Lacons, do Porto, foi corarde e traçoeiramente assassinado com duas navalhadas por Manuel Ribeiro dos Reis, commerciante de gados, rapaz tambem dos seus 28 annos, com quem aquelle nunca tivera a mais pequena rixa, e que o matou á traição, pela 1 hora da madrugada de 24, quando ambos recolhiam para casa, depois de beberem juntos na taberna e de estarem em um serão, vendo dançar e cantar os rapazes e as raparigas do logar.

Manuel dos Reis não era firma acreditada na povoação. Os seus modos atrevidos, as suas estroinices de rapaz descommedido, os seus desmandos de linguagem, atrahiam-lhe muitas antipathias e desgostos. Era tambem pouco acertado no seu governo domestico. Despresando o tratamento das propriedades que herdára de seus paes, fugindo quanto possível do trabalho laborioso da terra, entregava-se á giganice das compras e vendas de cavallos, e esse negocio, junctamente com as estroinices do seu viver, acarretavam-lhe mil difficuldades, muita falta de dinheiro o que o contrariava sobremaneira. Demais a mais fôra condemnado havia poucos em dias policia correccional por injurias aos empregados da estação do caminho de ferro de Mogofores. Tudo isto o trazia n'uma exaltação extraordinaria, e nas suas conversações não disfarçava o plano de tomar uma vingança qualquer pelo mau fado que o perseguia. Mas vingança contra quem e porque?

Eis o que ninguem se atrevia a conjecturar, quando na noite de domingo 24 do corrente, principiando em altercação com o infeliz Manuel Nogueira, seu amigo, com quem nunca tivera nenhuma questão, que era um moço inoffensivo, sem inimidades na povoação, levou a conversa para a estima em que Nogueira era tido em Mogofores, apesar de ser estranho ao logar, pois era natural de Penacova, e vociferando que ainda algum dia havia de dar cabo d'algum *achadico*, (era este o termo de que se servia para designar o infeliz), premeditou a sangue frio mata-lo sabendo ambos da taberna, e commettendo o horrivel assassinato ao dobrar d'uma esquina, quando Nogueira se despedia do malfeitor para recolher a sua casa.

ao flagelo. Rossignol morreu bem. As suas derradeiras palavras foram um adeus á patria e á Republica, uma maldição dirigida ao homem do dia 18 do brun-rio. (1) Alguns dias depois meu pae succumbia por sua vez. D'isso recebemos a noticia por um despacho do governador da Ilha de França, a qual continha a lista dos deportados fallecidos. Nada mais soubemos.

—Sabeis, senhor, repelicoi Méhu maravilhado por ter quebrado a frieza, sabeis o que ha de mais horrivel n'esta deportação de *Nivose*, o que deve sempre tornar excreval a memoria do governo que o ordenou? Pagarem innocentes por culpados nada é quando esses innocentes são inimigos. Bonaparte sabia perfeitamente que os deportados eram alheios ao attentado da machina infernal, e sabia tambem que eram patrios as incorruptíveis. Desfazendo-se d'elles fez o seu dever, e não o ceasuro. Mas

(1) Eis ahi as palavras textuaes de Rossignol, referidas por Lefranc, um dos quatro deportados de *Nivose*, que só resistiram ao clima: «*Eu morro acabruhado das mais horribes dores, mas morreria com en'e, se eu podesse saber que o oppressor da minha patria, o autor de todos os meus males, havia de soffrer as mesmas dores e os mesmos soffrimentos!*»

As facadas foram duas, uma no ventre outra no peito. A morte foi instantanea. Nogueira apenas (um pequeno grito que foi ouvido) uns individuos que vinham mais á frente quaes com a precipitação de acão mcrubundo, deixaram evadir o assassino, que até hoje não apparece. As autoridades judicias procederem immediatamente ao exame do corpo delicto.

Foi muito notada a ausen do administrador do concelho que se quiz dar ao incommodo de vir sitio do crime colher as indagações necessarias para diligenciar a capt do criminoso, informando-se do estado de vida e dos para leiros mais seu uso. Anadia não pode estar p de administrador de concelho, que um octagenario sem força physionem moral para exercer um cargo tanta importancia. Felizmente temos delegado activo e com bons des de acertar e de ser justiceiro. Ox que n'este grave negocio elle cura o seu espinhoso dever, não descando emquanto não fôr apanhado o lva-do assassino do infeliz Nogueira.

—Temos já na comarca novo juiz, sr. Bacellar Castello Branco que estava servindo em Estarreja. Este funcionario vem encontrar a carca em lastimosas condições. O numero de crimes vae crescendo espantosamente, e o serviço judicial está pedindo providencias energicas que ponha cobro a muitos abusos e a relações inadmissiveis.

CARTAS

Não recebemos carta d'osso presadissimo correspondente drto.

Lisboa, 23 de dezembro

Pouco tenho hoje que dizer porque a politica está n'um velei marasmo. As camaras fecham a manhã para se tornarem a abrir dia 2 de janeiro. Este constitucismo torpe que para ahi vive, não de a mania d'arranjar pretextos pae ridicularisar. Se as camaras já iam abertas deixasse-as continuar, e dispensasse a formalidade incoda e risivel do dia 2 de janeiro. Seria mais regular que o rei pronosse o tal chamado discurso da corôa ha dias, quando principiaram cabalhos parlamentares, apezar d'isso fundamental, que não é um abus, marcar outro dia para a cereia, e agora continuar o parlament sua vida normal. Mas não; andam esta dança d'abrir e fechar e au-se.

Tambem o povo não soporta com isso. Cada vez é maior a indifferença pela vida parlamer pela vida constitucional, por tuhanto toca á monarchia.

No principio de dezembrã mava-se que a primeira sessão amara dos deputados seria muitmultiplosa por causa dos ataques opposição ao ministerio. Pois apele tal réclame, as galerias consem-se desertas. Ninguem quiz assiso tumulto nem presenciar os ata. Isto deu muito nas vistas, a ponte jornaes monarchicos o citarem aados, e com razão, porque sendo lecida de sobejo a curiosidade do po lis-

ter mandado embarcar estes ins sem lhes fazer conhecer a elles nem a familias o sitio do seu destino (2), de tão que mais de dois annos depois, seign ainda em que costa inhospitaleira os tinangando foi um excesso de crueldade envergonharia os povos mais barbaros selvagens. Todo o homem, no qual a nobre das paixões, a sensibilidade, se extinguio completamente ha de concordar. Ah! se ha uma justiça...

(2) O capitão da *Chiffonne* ordem de não tomar conhecimento das instruções senão quando já estive largo do cabo Finistère. Nesse sitio, o pacote sellado que as continha, que o destino a tomar era o da ilha a duzentas leguas ao nordeste da por norte de Madagascar. N'poteão dava tão grande importancia a que o fosse guardado, que até ordenou ao o Guye esse de não se declarar nem osertros nem mesmo aos seus officiaes e outros tudo deviam ignorar até acto da sua chegada ás Sechelles. O talos esperavam que fossem mandados a ene!

bonense, esperava-se uma enchente medonha na camara. Eu não me lembro na verdade de ouvir anunciar uma sessão animada na camara em determinado dia, que não visse no mesmo dia ficar muita gente fora de S. Bento por não ter lugar nas galerias. Agora... está deserto aquillo. Não houve pequena concorrência só no primeiro dia; foi em todos. O povo anda com juizo em manifestar por todas as formas o maximo desprezo por esta caranguejola.

—Disse na minha ultima correspondencia que alguns membros do directorio republicano haviam subscripto com varias quantias, ao todo duas libras, para a lapide que ha de ser collocada na sepultura do infeliz Salgado. Já que fallei n'isso, permitta-se-me que manifeste a minha admiração por não ter chegado aos seus destinos a celebre portaria do sr. Thomaz Ribeiro mandando acabar com os muros dos cemiterios. Eu estou espantado com a negligencia ou o clericalismo do sr. Barjona, porque é certo ter o sr. Thomaz Ribeiro mandado lavar essa portaria. Ainda ha bem pouco tempo fallei com um digno empregado do ministerio do reino que me afirmou ter sido elle mesmo um dos que escreveram as portarias na occasião do sr. Thomaz Ribeiro se demittir. Acrescentou que julgava que haviam sido expeditas, prometendo-me tirar informações a tal respeito.

Não o tornei a encontrar, mas o facto é que a portaria existia e que, ou foi sustida aqui ou o governador civil d'Aveiro lhe não deu execução, segundo me dizem. Como em Lisboa não ha muros, nunca os houve, não posso julgar pelos actos da auctoridade d'aqui se foi a auctoridade d'ahi a que abafou a portaria, ou se ella ficou a dormir no ministerio do reino, que é aliás o mais provavel. Enfim, seja como for, o facto é que não está esquecida essa celebre questão d'Aveiro. Está simplesmente addiada e ha de reviver em todas as occasiões opportunas, tanto mais quanto o tempo nos acirrar o desejo de desforra.

Felizmente não sômos d'aquelles que esquecem as cousas com o tempo. Esquecer, nunca.

—Corre com insistencia que os progressistas chegaram a um accordo com os regeneradores. Segundo o boato aquelles obtiveram d'estes a promessa de lhe succederem no poder e d'ahi a boa harmonia que reina entre gregos e troianos. Ou sim ou não, a verdade é que o sr. Emydio Navarro voltou a trabalhar na commissão eleitoral a que pertence, mas que havia abandonado de todo. A verdade é que os jornaes progressistas deixam de atacar a corte. A verdade é que certos progressistas importantes tem tido conferencias com o sr. Fontes.

Não me admiro do partido progressista ter transigido com os regeneradores, porque elle é capaz de tudo. Estimarei deveras que volte ao poder, porque amo muito a agitação e o governo dos progressistas vae sér agitado deveras, mas lamento que se esqueça da propria dignidade accetando esmolas dos regeneradores.

—Foi hontem assignado o contracto para o emprestimo de 4.089 contos, a que já nos referimos. Representaram o banco de Portugal, o sr. visconde de Ribeiro da Silva; e os demais bancos, o sr. Henry Burnay.

O povo pode e deve pagar mais.

—Houve hontem á noite conselho de ministros.

—A ordem do exercito que sahio hontem mandou annullar a decisão tomada pelo ministerio da guerra relativa ao cirurgião ajudante de caçadores 6, que havia sido suspenso por apurar em determinadas inspecções 12 indivíduos entre setenta e tantas, quando o dito cirurgião não assistiu a tais inspecções.

Que levianades! Como isto vae!

—Está representando no Gymnasio o celebre actor Ernesto Rossi, uma das maiores notabilidades europeas, que já por varias vezes tem entusiasmado o publico.

—Ao terminar esta correspondencia recebi a tristissima noticia de haver fallecido o sr. Antonio d'Oliveira Marques, filho d'essa terra, operario habilissimo e intelligente que eu muito estimava. E' um acontecimento doloroso que me penalisa deveras.

Na impossibilidade de escrever qual cousa n'este instante sobre aquelle

o bellissimo caracter, aquelle republicano sincero e leal, sirvam estas palavras de homenagem ás virtudes do meu pobre amigo, morto tão novo em meio do combate, e como demonstração da amisa le verdadeira que lhe dedicava.

Bibliographia

Esta redacção tem recebido as seguintes publicações:

—*La Piqueta*, de José Nakens; é uma collecção de artigos em hespanhol, que muito agradecemos, bem como a delicada dedicatória.

—*O Reverendo abbade da freguesia de Arcozello e a sua industria*, por Guilherme Augusto Candeias.

Averigua-se que estando de candeias ás avéssas o sr. Guilherme Augusto descompoz o abbade e com toda a razão.

Esté propagandista do methodo de João de Deus, com cara de sachristão, com uma eloquencia churra, arrastada, e desigual, carregada de barbarismos meteu-se a inventor de methodos de que se apropriou como se fossem seus.

O antigo systema do *A arvore, B besta* etc., imperou por muito tempo sem progresso.

Castilho descobre novo horisonte — Monteverde converte n'uma rotina da memoria o ensino de b, a, —ba, — só João de Deus começou a fallar á intelligencia das creanças e desobstruiu o caminho das sarças e dos tojos com que estropiavam o juizo da infancia.

Simões Lopes, o inspector da circumscripção do Porto, que nada tinha inventado antes de João de Deus, depois d'este, inventa o que este inventára, e o abbade de Arcozello é da cathegoria do Simões Lopes. Que grandes descobridores de descobertas feitas!!

Os methodos antigos viveram em paz sem que ninguem os molestasse. Hoje qualquer mediano talento, para não dizer qualquer asno d'este paiz, julga-se com direito a considerar a producção genial de João de Deus como um terreno baldio.

Vamos lá, srs. pedagogos copistas, porque não dizem vocecêes que as *Flores do campo* lhes brotaram da cabeça n'uma manhã de primavera?

—*O Segredo terrivel* traducção de Palermo de Faria.

250 paginas por 100 réis; a publicação mais barata de Portugal.

Palermo de Faria, que em tempo usou de pseudonymo de *Jorge de Mendonça*—e com quem tivemos escaramuça litteraria por occasião da travessia de Africa por Serpa Pinto, é um traductor de merito.

A empresa merece auxilio de todos os que leem romances.

—*Ondeantes* por Alberto Bessa.

Um voluminho de versos offerecidos a João de Deus.

O auctor é um dos poetas mais novos do paiz, e um dos collaboradores mais antigos d'este jornal.

Alem do exemplar que offereceu a esta redacção mandou-me um outro, que agradeço penhorado.

Dizer que Alberto Bessa tem habilidade é asseverar o que os leitores confieem de sobejo. De-

pois para se recommendarem obras litterarias é preciso ter talento e auctoridade, duas coisas que me fazem muita falta.

Enfim os versos fallam por si e passarei a duas transcripções dando d'aqui os parabens ao auctor.

Mello Freitas.

DEVANEIO

Tem a luz da madrugada aquelle olhar feiticero; traz-me a alma delirada, preza d'um amor primeiro.

No mar do amor,—altaneiro,—vou seguindo na levada, em busca do meu cruzeiro: —o coração d'essa fada

que illumina os sonhos meus e que, fugida dos ceus parece, estrella brilhante

de limpidez crystalina, almo fanal, luz divina que eu procuro delirante.

D'APRES NATURE

(A Guerra Junqueiro)

A aurora tinha rompido por entre hymnos d'armonia, havia a noite fugido: cedendo o lugar ao dia.

Longe o sol, esbrazado, vem-se ostentando táfal, parece um botão doirado prezo no limpido azul!

A brisa passa ligeira agitando os roseiraeas levemente, e na balseira pipilam lédos pardaes.

As frondosas ramarias, fallando-se, em semi-fuzas, semelham as alegrias d'umas canções andaluzas!

Entre a veiga floridente deslisa a agua sombria, modulando vagamente uma estranha melodia!

Além, no tempo divino erguido junto ao pinhal, ouve-se tocar o sino á missa conventual.

Os caçadores da cidade vão passando entre o centeio, a gosar a liberdade d'estrugar terreno alheio.

As Julietas alaladas: —as pombinhas,—n'ampidão são comparsas dedicadas de tão divinal função.

E juntos, dois namorados, tomando na relva assento, discutem, apaixonados, o futuro casamento!

NOTICIARIO

Ao deparar-mos, no *descommunal* lençol da Vera-Cruz, do dia 22, com um dos seus seus proverbias artigos massadores, que tinha por epigraphe —Administração Municipal—, não podemos conter uma estridente gargalhada de zombaria e de desprezo.

No tal artigo do sr. presidente da camara, ou mandado fabricar por s. s.ª, diz-se, (entre muitas coisas, que duvidamos da sua veridicidade) fallando da illuminação publica, que, —tendo-se melhorado muitissimo esse ramo de administração municipal na qualidade e quantidade das luzes (sic) realisou-se uma economia annual de mais de 100\$000 réis—.

Relativamente á tal economia nada podemos, por enquanto, afirmar; mas a respeito da *qualidade e quantidade das luzes* que estultamente apregoa o articulista subsidiado, podemos dizer que é o cumulo da requintada mentira.

E' sabido por toda a gente qual tem sido a illuminação que Aveiro tem disfructado, e por isso, não somos nós mas os factos que hão-de fazer o elogio d'este ramo de administração municipal.

Por noites tempestuosas e escuras,

em que é necessario conservar-se a cidade illuminada, são dez horas, onze, e os candieiros sem ter luz alguma. Outras noites, não tempestuosas, mas escuras, os srs. empregados do zeloso municipio, nem sequer se dão ao trabalho de nos menistrar a luz que nós todos pagamos!

Isto não é invenção nossa! Toda agente se tem queixado da pessima illuminação, que o articulista mentiroso tanto elogia.

Emquanto a *quantidade*, não nos consta que as luzes tenham augmentado. Segunda mentira.

Por este lado, creia o sr. presidente da camara, que não conseguiu burlar o publico.

Mais obras e menos elogios de casa, para não descabarem para o ridiculo.

Acabamos de receber a infausta noticia do fallecimento do nosso patricio, amigo e digno correligionario o sr. Antonio d'Oliveira Marques, operario habilissimo e que ha muitos annos residia em Lisboa.

Sentimos profundamente a perda d'este nosso amigo, e enviamos a sua familia a expressão da nossa dor.

Diz o «Diario Portuense» que ha dias falleceu em Bragança o coronel reformado Antonio de Figueiredo Sarmiento de Sepulveda que vivia com um irmão e duas irmãs, senhoras já edosas.

A morte foi julgada natural e o cadaver foi dado á sepultura.

Ultimamente, porém, appareceram na mão d'um criado da casa muitos objectos de valor, que pertenciam ao fallecido, bem como foi tambem notado que elle despendia á larga.

O homem tinha-se retirado para Alfandega da Fê logo depois do passamento do coronel, esta ausencia mais augmentou as suspeitas de que um crime fóra commettido.

O cadaver foi desenterrado e procedendo-se á respectiva autopsia verificou-se que a morte fóra produzida por estrangulamento!

No dia 15 do corrente, por volta das duas da tarde, deu o assassino entrada em Bragança, no meio de uma forte escolta de caçadores, de alguns policias civis e de um esquadrão de cavallaria, e seguido de um immenso concurso de povo que tambem o acompanhou até a estação de policia civil.

Fez declarações o infame. N'esse crime monstruoso foi ajudado por uma criada, que estava tambem a servir na mesma casa.

O assassino é um rapaz de vinte e tantos annos, alto, boa figura e que estava ao serviço do sr. Figueiredo, desde tenra idade!

A criada é tambem uma rapariga que regula pela idade do criado, mas as suas feições chatas e sem expressão tomam por vezes um aspecto patibular. Nos olhos, sem brilho, passam muito raramente alguns clarões de intelligencia.

Estão ambos encerrados nas cadeias de Braga, onde a indignação produzida por crime tão monstruoso é enorme.

Parece que estamos no começo do fim!

A devassidão e a infamia espalhasse por toda a parte!

A's batotas escandalosas dos ministros d'el-rei, seguem-se os actos de oppressão ignominiosa e revoltante praticados pelos satellites dos homens que infelizmente nos governam.

Uma serie de infamias é o que nos offerecem esses homens indignos a quem o pobre povo paga, para por elles ser espesinhado e aviltado!

Se não queremos perder a nossa nacionalidade, gravemente ameaçada, é necessario, é urgente expurgar a nossa querida patria d'esses torpes batoteiros, eliminando a realza e proclamando a Republica, unico governo capaz de ainda nos salvar do precipicio onde nos querem lançar os validos d'el-rei.

E todas estas palavras nos foram suggeridas por um artigo que acabamos de ler no nosso presadissimo collega *A Republica Feder* d, sob o titulo de—*Affronta*—e do qual passamos a transcrever os periodos mais necessarios, relativos ao facto despotico que

praticaram as auctoridades de Ponta-Delgada, facto altamente revoltante e oppressivo, mas proprio dos homens da monarchia, e contra o qual protestamos.

Eil-o:

«Deu-se ha pouco entre nós um facto dos mais repugnantes, por demasiadamente despotico e ignominioso.

Foram apurados recrutas para a armada seis mancebos, que, por essa razão, foram remetidos para o castello e ali retidos em prizão, até que chegasse de volta das ilhas o Benguelia que tinha de os transportar para Lisboa.

Chegado o paquete e determinada a hora do embarque, foram os novos soldados da armada conduzidos a bordo por doze soldados de artilheria, como se se tractasse de desterrar para as Pedras Negras da Africa seis scelerados, condemnados pelas justicias a degredo por toda a vida.

Isto não é recrutar, é calcar aos pés as leis vigentes, afrontar a moralidade e os costumes do povo, rebaixar a posição da auctoridade a um nivel de despotismo desnecessario e indigno, desusado ha muito entre nós.

PRESOS E ESCOLTADOS, seis mancebos, como se fossem refractarios ou ladrões.!»

Isto só succede em Portugal, sob o reinado e governo do principe Pontes.

E o povo assiste indifferente a estas scenas de *baixo-fontismo*!!!

Acorda desgraçado! ao menos para salvares a vida.

Estão sendo colleccionadas todas as manifestações d'enthusiasmo patriotico que ao ex.º Major Quillman foram dirigidas por o seu brilhante procedimento genuinamente portuense, operario habilissimo e que ha muitos annos residia em Lisboa.

Este livro, grito espontaneo d'um povo independente, grande pelo passado, forte pelo futuro sairá á luz com toda a brevidade. Crêmos que ninguem que honre o nome portuense se privará do gosto de possuir o mais precioso poema da epoca actual que viverá na alma das gerações vindouras.

Desde já se recebem assignaturas e para tudo o que diga respeito a esta publicação podem dirigir-se ao editor José da Fonseca Lage, Cima do Muro da Ribeira, 22—Porto.

No dia 19 do corrente succedeu em Santo Ovidio, Villa Nova de Gaya, uma lamentavel desgraça.

Uma pobre mulher d'ahi, seguia pela estrada levando á cabeça, em uma canastra, duas creanças, uma das quaes sua filha, de dois annos de idade, e a outra de quatro annos, filha d'um creado de servir, do Porto.

Na estrada que a mulher seguia, achava-se um carro tirado por bois, que o conductor deixara abandonado, para ir beber vinho a uma taberna proxima. Por uma circumstancia qualquer, os bois espantaram-se, derrobaram a mulher e passaram por cima da creança mais velha, que ficou esmagada e reduzida a uma massa informe e sangrenta.

A mulher perdeu a falla por muito tempo. No local da horrorosa desgraça juntou-se muita gente, e algumas das pessoas presentes fizeram prender o desmazelado carreiro, unico culpado de tão grande desgraça, e responsavel pela morte da desditosa creança.

Agora temos a registrar o seguinte escandalo.

O carreiro que foi preso, foi pouco depois solto pelo administrador do concelho, em attenção a protecção e compadrio que lhe dispensa um poderoso influente eleitoral d'aquelles sitios.

Isto é verdadeiramente infame, mas é proprio do reinado da devassidão e da batota.

SUBSCRIPÇÃO NACIONAL

MEDALHA JOÃO DE DEUS

SUBSCRIPÇÃO AUXILIAR

Do «Diario Nacional»

Transporto..... 500
Eduardo Arvins..... 400
Somma..... 900

No lugar de Chanca, freguezia do Rabaçal concelho de Penella, falleceu Nicolau Antonio Lourenço contando cento e dois annos, menos dois mezes e um dia.

Tinha o cabello todo preto, e os dentes todos saos e claros.

Era viuvo e deixou dois filhos, sete netos e doze bisnetos.

Um jornal hespanhol, diz que o ultimo furacao que passou sobre Denia assolou os olivae, destruiu os molhes de carga e descarga, mettu a pique treze embarcações e damnificou consideravelmente as casas da povoação.

Passamos a transcrever a carta que o embaixador de Inglaterra, em Paris, dirigiu a Victor Hugo, em resposta á carta em que o grande poeta francez pedia á rainha da Inglaterra a vida de O'Donnell:

«Sr. Senador.

A carta que fez a honra de me escrever em 14 do corrente foi recebida com a deferencia á alta origem d'onde emanava. O duplicado que a acompanhou, como já tive occasião de certificar, foi cuidadosamente dirigido a Londres e collocado nas mãos do secretario de S. M. para o departamento do interior.

Acabo de receber a missão de o informar que a rainha, em tal assumpto, procede segundo a opinião dos seus ministros e que o governo de S. M., tendo considerado com a maxima attenção o caso de O'Donnell, lamenta de se haver achado na impossibilidade de aconselhar a corôa a intervir na execução das leis. Enviando-lhe esta informação, felicito-me pela occasião que se me proporciona de lhe offerecer, sr. senador, uma nova segurança da minha alta consideração.

Lyons.

Victor Hugo recebeu igualmente a carta que segue:

Leyton-Square (London) Peckham. —N'um meeting dado pelo ramo Peckhan da Liga nacional irlandeza na segunda-feira 17 do corrente, foi decidido por unanimidade:

«Que seria endereçada uma carta a Mr. Victor Hugo afim de lhe agradecer os exforços generosos tentados por elle em favor da vida do nosso pobre compatriota Patrick O'Donnell.»

Estes agradecimentos, envio-lhos respeitosamente, senhor, em nome do ramo Peckhan e rogo-lhe que creia na minha profunda estima. O secretario Mac-Carthy.

Na administração do concelho de Beja, realisou-se o registo do nascimento de uma creança filha do sr. Marianno Sant'Anna.

Dizem de Guimarães que uns sacrilegos larapios surripiaram o auto e com elle as moedas que estavam depositadas no monumento do *infallivel* Pio IX, n'aquella cidade.

Estes já não entram no céu! Na cadeia... talvez...

Casaram civilmente na administração do bairro oriental, Porto, mr. G.orges Pereira, subdito da republica franceza, com a ex.^{ma} sr.^a D. Gertrudes Magna de Sá Lopes.

Foi registado civilmente na administração do bairro occidental em Lisboa o nascimento d'um filho do sr. Manuel Rodrigues, operario.

No dia 27, foi registado civilmente, na administração do bairro occidental de Lisboa, o nascimento de uma filha do sr. Paulo da Fonseca, que recebeu o nome de Alda.

O vapor *San Agustin*, da empresa do grande armador hespanhol marquez del Campo, que do porto de Corunha se dirigia para Liverpool conduzindo 77 pessoas, entre passageiros e tripulantes, foi devorado por um incendio a 150 milhas de Corunha.

Segundo contam as pobres victimas, 31 das quaes foram conduzidas para a Corunha em um brigue inglez, o fogo manifestou-se no domingo, á 1 hora da tarde, no corredor de bombordo da primeira camara e em um vão produzido pela cosinha. Propagou-se instantaneamente a todo o vapor, apoderando-se o maior panico dos tripulantes, que lançaram ao mar alguns botes, fuzo de uma morte certa, mas exadose a perecer no seio das ondas

encapelladas por um violento temporal. Isto passou-se ás 5 horas da tarde.

Mais tarde apparecen o brigue inglez que a muito custo pôde recolher os infelizes naufragos, mas como a noite era escura, desamarrou um dos botes, desapparendo nas aguas com um tripulante, que parece não pareceu, mas se deixou estar vogando durante a noite á espera que passasse uma das muitas embarcações que frequentam aquelle mar.

O capitão do brigue seguiu durante a noite o vapor incendiado e ao romper do dia avistou no castello da pépa o capitão do *San Agustin*, dando varias ordens, juntamente com o 1.^o official e 8 ou 10 tripulantes.

O brigue ainda tentou aproximarse do *San Agustin* para salvar aquelles valentes marinheiros, mas não o conseguiu, em razão do forte vento norte que o arrastava em direcção contraria. Confia-se em que fossem salvos pelos vapores que alli estavam proximos.

O brigue, que tantos serviços prestou, chama-se *Pennine*; ia de Setubal; com carregamento de sal, em direcção á Hollanda; levava já 48 dias de viagem.

Noticias da ultima hora dão horrosos pcrmenores da perda d'este vapor. O capitão, ferido, desesperado, e faltando-lhe as forças para suicidar-se, pediu que o amarrassem e atirassem ao mar. Os companheiros assim o fizeram, suicidando-se depois. Outros atiraram-se á agua, e foram salvos milagrosamente.

Suicidou-se em Constantinopla o consul geral de Portugal o sr. Fortunato Jourdeau.

Desbocou-se o cavallo que tirava o trenó do Czar, arrastando S. M. pelo gelo e ferindo-o bastante.

A ser verdadeira a noticia, o animal era conspirador e de raça... nihilista.

O cavallo vae ser garrotado, por attentar contra a vida do imperador!

Realisa-se hoje solememente a inauguração do caminho de ferro de Guimarães.

O bispo de Freppel, ao votar no parlamento da republica franceza os novos creditos para continuar a guerra do Tonkin, proferiu estas honradas e patrioticas palavras:

«E' bom e util que se saiba na Europa e em toda a parte que quando a bandeira da França entrou na luta em consequencia de um voto regular do parlamento, como agora entra, ninguém pergunta que mãos basteam essa bandeira: é a bandeira da França.»

SUBSCRIPÇÃO

PARA O MONUMENTO DE JOSÉ ESTEVAM

Transporte	978\$660
Miguel Ferreira d'Araujo	
Soares	\$500
Eduardo Arvins	\$500
Visconde d'Azinheira	9\$000
José Marques d'Almeida	1\$000
José Nogueira da Costa	1\$000
Alexandre Thomaz de Sousa	\$240
Sebastião Mathias de Pinho	\$100
Joaquim de Sequeira Moreira	\$500
João Ribeiro Balacó	\$500
Augusto Cesar Almeida	
Pinto de Sousa	\$500
João Gomes Barabundo	\$240
Aurelio Pereira Campos	\$100
Somma	994\$340

Todos tem visto de certo
A' noite e ao sol nado
O horizonte coberto
D'um vermelho ensanguentado.

O povinho treme e ora
Aca seus santinhos e . . . berra
Que nós vamos ter agora,
A Peste, a Fome e a Guerra!

Dizem ser um novo mundo
Ou a cauda d'um cometa
E que um perigo profundo
Paira sobre nós! . . . E' peta.

A=causa=que procuraes,
O=porque=tão desejado
Das auroras boreaes,
Eil-o emfim determinado!

Esses clarões coruscantes
N'aquelle arqueado convexo
Formando fogos gigantes,
São apenas o reflexo

Da grande luz que irradia
Durante a noite e o dia

Dos broches, brincos, anneis
E dos mil brindes que estão
No 14 e 16

Loja do JOSÉ MOURÃO!!!

ANNUNCIOS

AVISO

JOSÉ MARIA D'OLIVEIRA VINAGRE, arrematante sublocado, do real da Barra do concelho d'Aveiro, no proximo anno de 1884, avisa todas as pessoas que vendam vinho e carne, que tem a pagar os respectivos reitos ao mesmo senhor na loja nova, na Praça da Fructa; e qualquer pessoa que se queira avençar tambem o pode fazer. E para que não aleguem ignorancia o faço publicar nos jornaes da cidade.

Aveiro, 28 de dezembro de 1883.
José Maria d'Oliveira Vinagre.



12 RETRATOS

Esmaltados—mignonettes—
800 RÉIS
RUA DO JOSÉ ESTEVÃO, 47
Aveiro

Crimes de uma associação secreta

Ultima e a mais interessante publicação de Xavier de Montepin, autor dos romances: *Fiacre n.º 13* e *Mysterios de uma herança*.

- 1.^a Parte—A noite de sangue.
 - 2.^a Parte—O olho de lynce.
 - 3.^a Parte—A mãe e o filho.
- Edição ornada com chromos a finissimas cores e com primorosas gravuras. Cada chromo 10 reis, 30 reis por semana.

BRINDE a cada assignante, 100\$000 reis em 3 premios da loteria, um magnifico album com 15 vistas dos principaes monumentos da cidade do Porto, no fim da obra.
Assigna-se em todas as livrarias no escriptorio de empresa editora Belem & C.^a rua da Cruz de Pau, 26, onde se dão os prospectos.

AS GUERRAS

DE
NAPOLEÃO I.
POR
Eckmann-Chatrian

Obra premiada pela Academia Franceza—Um fasciculo semanal de 4 folhas de 8 paginas e duas gravuras 50 reis—Assigna-se no escriptorio da empresa de Romances Illustrados rua da Fabrica, 66—PORTO, e em todas as livrarias e kiosques.

Acceptam-se correspondentes nas diversas terras do reino.

Alfaiates

Precisam-se de tres officiaes de alfaiate, dois para obras mindas e um para obras de mais responsabilidade. Offerece-se cama, meza, roupa lavada e ordenado correspondente ao seu trabalho.

Quem desejar e estiver nos casos, pode dirigir-se a Joaquim José de Pinho, com estabelecimento de alfaiate em ARCOS DE ANADIA.

PORTUGAL DISSOLUTO

PROCESSOS ESCANDALOSOS

DOS

Frades, das Freiras, dos Nobres, e dos Reis

Por uma sociedade de homens de letras

Emprehendendo esta publicação, a empresa da BIBLIOTHECA HORAS DE LEITURA, entende prestar um bom serviço aos que se empenham na santa cruzada da democracia, a que muitos pretendem oppór as tradições de um passado que não conhecem. Destruir esse espantallo é pór de parte um dos maiores obstaculos á refundição das sociedades modernas.

Conhecer a desmoralisação profunda em que jazeram as sociedades que nos precederam, não é um entretenimento de ociosos, nem satisfazer uma simples curiosidade brejeira, é, principalmente predispor os espiritos para a aspiração generosa de mais completos ideaes de justiça e de moral, que só nos podem advir do futuro e jamais do passado.

Já estão impressas as primeiras folhas da celebre

CAUSA

DE AFFONSO IV

A distribuição por fasciculos, em Lisboa aos senhores assignantes, começa no PRIMEIRO DE JANEIRO.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA: — Em Lisboa, semanalmente, acto da entrega, cada fasciculo de 6 folhas, 60 reis. Provincias e Açores, series de 4 fasciculos, pagamento adiantado, 240. Possessões Ultramarinas, por series de 12 fasciculos, pagos adiantados, 800. No Brazil o preço em moeda fraca é regulado pelos srs correspondentes. A quem angariar e garantir 5 assignaturas sem outra commissão, um exemplar gratis. Correspondentes e livrarias, um exemplar gratis por cada serie de 10 assignaturas, além da commissão do costume. Assigna-se no escriptorio da empresa, rua da Roza, 273 a 275 e em todas as livrarias de Lisboa.

HOTEL CYSNE DO VOUGA

Praça da Fructa

AVEIRO

O local onde se acha situado, esta nova casa, os elegantes commodos e confortaveis aposentos, a limpeza e promptidão do serviço e a modicidade dos preços, tudo recommenda aos viajantes este esplendido hotel.

O proprietario encarregá-se de fornecer OVOS-MOLLES e MEXILHÃO, por preços rasoaveis.

Tambem está habilitado a fornecer vinhos de 1.^a qualidade, tanto verde como maduro.

O proprietario espera que todos os viajantes e habitantes d'esta cidade o honrem com a sua visita, porque, quem ali fór a primeira vez, decerto voltará, attendendo a affabilidade do tracto e aos preços convidativos.

COMPANHIA

DAS

Messageries Maritimes



(8)

(23)

A Empresa promotora, por contracto com a dita companhia offerece passagem nos magnificos paquetes francezes a sabrem de Lisboa:—ORENOQUE em 8 de dezembro, directamente ao Rio de Janeiro, Montevideu e Bueno Ayres. SENEGAL em 23 de dezembro para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres.
A mesa de 1.^a classe é comum para os sr.^s passageiros de 2.^a.
Tracta-se em AVEIRO, Agencia Central, com PAULO DE SOUSA PEREIRA 48 =RUA DE JOSÉ ESTEVAM=50

LIVRARIA

DE

Mello Guimarães

AVEIRO

Elementos de grammatica portugueza, coordenados para uso das escolas elementares por J. Soares de F. e Castro, professor official.

SEGUNDA EDIÇÃO

Preço, broch. 200 reis, enc. 280 reis.

Photographia

DE

JOSÉ BERNARDES DA CRUZ
82, RUA DIREITA, 82

Leccionista

ALEXANDRE DAS DORES CASIMIRO, lecciona em casas particulares, mathematica, portuguez e francez, e abre um curso nocturno de mathematica 2.^a e 3.^a parte.

Tracta na rua do Arco, Quinta da Apresentação, AVEIRO.

ONDEANTES

(Primeiros versos)

FOR

Alberto Bessa

A' venda em formosa edição bijou.

PREÇO 240 REI